

ENTRE A ALDEIA E A ESCOLA: A CRIANÇA INDÍGENA E SUAS BRINCADEIRAS

Adélio de Almeida
UFMSQ/CPAQ
adelio.almeida@ufms.br

Juscelino Correa Lipu
UFMS/CPAQ
jcorrealipu@gmail.com

Janaina Nogueira Maia Carvalho
UFMF/CPAQ
janaina.maia@ufms.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo contribuir para a valorização e preservação da cultura indígena Terena, com ênfase no resgate de saberes e práticas tradicionais frequentemente esquecidos no contexto escolar. A pesquisa analisa a relevância do brincar no ambiente coletivo da escola, compreendido como prática essencial para o fortalecimento de vínculos, a preservação da identidade cultural e a redução do uso excessivo de dispositivos digitais, cujo impacto negativo se manifesta em quadros de ansiedade, irritabilidade, distúrbios de sono e de alimentação, refletindo diretamente no desempenho e na aprendizagem das crianças. O estudo fundamentou-se em levantamento bibliográfico, especialmente na perspectiva da sociologia da infância, que reconhece a criança como ator social e a infância como categoria geracional. Além disso, foi realizado trabalho de campo na comunidade da Aldeia Limão Verde, junto à Escola Municipal Indígena Pólo Lutuma Dias, localizada em Aquidauana/MS. A análise dos dados obtidos com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental evidenciou a urgência de resgatar e valorizar as brincadeiras tradicionais Terena, dada sua relevância para a formação cultural e educacional das novas gerações. Observou-se que o contato intensificado com a sociedade envolvente tem contribuído para o enfraquecimento de práticas culturais ancestrais, reforçando a necessidade de registro, documentação e transmissão desses saberes. Conclui-se que a valorização das brincadeiras tradicionais constitui uma estratégia fundamental para fortalecer o diálogo entre tradição e educação escolar indígena, promovendo maior integração entre crianças, professores e comunidade.

Palavras-chave: Brincadeiras Terena; Cultura; Educação Escolar Indígena.

INTRODUÇÃO

A formação histórica da Aldeia Limão Verde, localizada em Aquidauana, Mato Grosso do Sul, tem sido reconstruída a partir de relatos orais de membros da comunidade indígena Terena. Esses testemunhos evidenciam que lideranças, como Manuel Lutuma Dias e seus descendentes, desempenharam papel central na organização territorial da

aldeia, acolhendo famílias provenientes de localidades como Moreira, Cachoeirinha, Bananal, Nioaque, Buriti e Anastácio. Além da recepção, tais lideranças foram fundamentais para a consolidação de práticas culturais e modos de subsistência, os quais permanecem como referências identitárias até os dias atuais (MUNDURUKU, 2001).

O deslocamento inicial dos grupos Terena foi motivado por conflitos interétnicos e pela busca por terras férteis e acesso a recursos hídricos. Os primeiros núcleos familiares se estabeleceram nas proximidades do “Morrinho”, até que se consolidou a ocupação no território atualmente reconhecido como Aldeia Limão Verde (MUNDURUKU, 2004).

O presente estudo tem como objetivo contribuir para a valorização e preservação da cultura indígena Terena, com ênfase no resgate de saberes e práticas tradicionais frequentemente esquecidos no contexto escolar. Destaca-se, em especial, a relevância do brincar no ambiente coletivo da escola, entendido como prática essencial para o fortalecimento de vínculos, a preservação da identidade cultural e a mitigação dos impactos negativos decorrentes do uso excessivo de dispositivos digitais.

A pesquisa fundamentou-se em levantamento bibliográfico, a partir da perspectiva da Sociologia da Infância, que reconhece a criança como ator social e a infância como categoria geracional. Complementarmente, foi realizado trabalho de campo na comunidade da Aldeia Limão Verde, especificamente na Escola Municipal Indígena Pólo Lutuma Dias, em Aquidauana/MS. Por meio de uma Roda de Conversa com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, na qual foram utilizadas fotografias de brincadeiras e, evidenciou-se a urgência de resgatar e valorizar as brincadeiras tradicionais Terena, dada sua relevância para a formação cultural e educacional das novas gerações.

A análise dos dados reforça que o contato intensificado com a sociedade envolvente tem contribuído para o enfraquecimento de práticas culturais ancestrais, apontando para a necessidade de registro, documentação e transmissão desses saberes no contexto escolar.

A ALDEIA LIMÃO VERDE: HISTÓRIA E MEMÓRIA

A cultura de um povo se manifesta por meio de suas práticas cotidianas, saberes e formas de convivência. No contexto indígena, particularmente entre o povo Terena, as brincadeiras tradicionais assumem papel central, constituindo-se não apenas como momentos de lazer, mas também como práticas pedagógicas voltadas à transmissão de

valores, ao fortalecimento de vínculos comunitários e à perpetuação de conhecimentos ancestrais (MUNDURUKU, 1999; SILVA, 2015).

Entretanto, observa-se um progressivo afastamento das novas gerações em relação a essas práticas, sobretudo em razão do uso intensivo de telas e dispositivos eletrônicos, que ocupam grande parte do tempo e do espaço da infância indígena, impactando diretamente sua socialização (CORSARO, 2011; POSTMAN, 1999).

A trajetória histórica da Aldeia Limão Verde é marcada por desafios relacionados à luta por autonomia territorial. As condições adversas enfrentadas em propriedades rurais da região, muitas vezes caracterizadas por regimes de exploração e trabalho análogo à escravidão, impulsionaram a mobilização das famílias Terena em defesa de seu território. Nesse processo, a hospitalidade se destaca como valor cultural característico, favorecendo a expansão da comunidade por meio da integração de novas famílias convidadas a residir no local (MUNDURUKU, 2006; BRAND, 2004).

As atividades agrícolas desempenharam papel estratégico na organização social e econômica da aldeia. O cultivo de cana-de-açúcar e mandioca, bem como a produção artesanal de rapadura, assegurava não apenas a subsistência alimentar, mas também possibilitava práticas de escambo na região de Miranda, fortalecendo a economia comunitária (MUNDURUKU, 2004; SOUZA, 2010).

Além dos aspectos econômicos, os relatos enfatizam a importância da solidariedade e da oralidade como mecanismos de preservação da memória coletiva. A transmissão intergeracional de histórias, valores e experiências constitui elemento fundamental para o fortalecimento da identidade étnica e para a continuidade cultural do povo Terena (HALBWACHS, 1990; MUNDURUKU, 2004).

Assim, a Aldeia Limão Verde configura-se como um território de resistência e reafirmação cultural, cuja constituição histórica, marcada pela mobilidade, pela articulação entre famílias e pela valorização de práticas tradicionais, contribui não apenas para o reconhecimento da história indígena regional, mas também para a construção de subsídios em pesquisas futuras sobre memória, identidade e territorialidade indígena.

INFÂNCIA TERENA E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO ESCOLAR DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA PÓLO LUTUMA DIAS

A escolarização da comunidade indígena Terena da Aldeia Limão Verde teve início em 1931, quando a religiosa Corina Nicócio implementou os primeiros passos da

educação formal local, atendendo aproximadamente 20 alunos. O processo educativo consolidou-se na década de 1940 com a atuação do professor Lúcio Dias, que ministrou aulas durante quatro anos sem remuneração, até que, em 1947, foram instituídas exigências formais de qualificação docente (SOUZA, 2010; BRAND, 2004).

A partir de 2010, a Escola Municipal Indígena Pólo Lutuma Dias passou a ser mantida com recursos da Prefeitura de Aquidauana/MS, atendendo atualmente 286 alunos indígenas e não indígenas, provenientes dos assentamentos Indaiá 1 e 2. A instituição organiza-se em turmas de Pré-escolar I e II, anos iniciais (1º ao 5º) e anos finais (6º ao 9º), funcionando em turnos matutino e vespertino, com atendimento aos anos finais no prédio da Escola EIEM Pascoal Leite Dias. Adicionalmente, há um núcleo de extensão na Aldeia Córrego Seco, atendendo pré-escolar e anos iniciais (1º ao 4º).

A estrutura física da escola compreende oito salas de aula, dois banheiros para alunos e professores, cozinha, despensa, sala da secretaria/diretoria, sala de tecnologia e quadra esportiva coberta. A instituição conta com 29 funcionários administrativos, 16 professores, duas secretárias, uma coordenadora pedagógica e um diretor, dispondo de acesso à internet para fins administrativos e pedagógicos.

O ambiente de aprendizagem, especialmente a sala de aula, apresenta recursos didáticos voltados à alfabetização, como cartazes com vogais, números, letras musicais e espaço para registro de aniversariantes. As turmas são equipadas com mobiliário adequado às crianças, proporcionando conforto e funcionalidade. Observações de campo evidenciam que o momento de interação entre funcionários, crianças e professores, aliado à articulação entre teoria e prática pedagógica, contribui para a construção de competências cognitivas e socioemocionais (VYGOTSKY, 1998; PIAGET, 1978).

No contexto escolar indígena, as brincadeiras tradicionais desempenham papel estratégico no desenvolvimento das crianças, funcionando não apenas como momentos de lazer, mas também como instrumentos de socialização, transmissão cultural e fortalecimento da identidade étnica. Dessa forma, o brincar alinha-se aos princípios da sociologia da infância e à educação intercultural, reafirmando seu papel como prática essencial para o fortalecimento de vínculos e a preservação da identidade cultural, além de contribuir para a mitigação dos impactos negativos do uso excessivo de dispositivos digitais (MUNDURUKU, 1999; SILVA, 2015).

O trabalho de campo realizado na Aldeia Limão Verde, especificamente na Escola Municipal Indígena Pólo Lutuma Dias, destacou-se pela realização de uma Roda de Conversa com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Durante a atividade, foram

utilizadas fotografias de brincadeiras tradicionais, possibilitando a identificação, resgate e valorização dessas práticas culturais. A experiência evidenciou a relevância das brincadeiras tradicionais Terena para a formação cultural e educacional das novas gerações, reforçando a necessidade de integrá-las às práticas pedagógicas e à rotina escolar de forma significativa.

CRIANÇA E INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: O CONTEXTO DA CRIANÇA INDÍGENA, SUA ESCOLA E SUA ALDEIA

A Sociologia da Infância surge como abordagem inovadora para compreender a criança e a infância, rompendo com paradigmas tradicionais que a concebiam como ser à parte da sociedade, passivo e moldável pelas forças externas para tornar-se funcional socialmente (CORSARO, 2011). Essa perspectiva reconhece a criança como ator social ativo, capaz de interpretar o mundo e de participar da construção de sua própria cultura.

Segundo Sarmento (2004, p. 20), “em suas práticas, existe, para além da estereotipia, uma singularidade nas produções simbólicas e artefatos infantis que configuram o que a sociologia da infância define como cultura infantil”. Dessa forma, a infância é entendida não apenas como fase de desenvolvimento biológico, mas também como estrutura social, na qual crianças interagem entre si e com adultos, criando e ressignificando práticas culturais.

A sociologia da infância enfatiza a chamada cultura de pares, ou seja, as práticas coletivas desenvolvidas entre crianças, nas quais valores, regras e significados são compartilhados e reinterpretados. Corsaro (2011, p. 151) afirma que “essa visão da cultura de pares está em conformidade com a reprodução interpretativa que sublinha as ações coletivas da criança, valores partilhados e o lugar e participação infantis na produção cultural”. Assim, as crianças não apenas participam do contexto cultural em que estão inseridas, mas também produzem suas próprias culturas e formas de interação.

A escuta das crianças emerge como procedimento metodológico fundamental, permitindo compreender suas perspectivas, valores e interpretações do mundo. Este cuidado teórico-metodológico tem ganhado crescente atenção nas pesquisas sobre infância, destacando a importância de legitimar a voz das crianças e reconhecer sua capacidade de agência (SARMENTO, 2006).

Além disso, a Sociologia da Infância evidencia a interdisciplinaridade do campo, relacionando-se com antropologia, psicologia, filosofia e educação, e enfatiza a análise

das culturas infantis, da participação política e institucional das crianças, bem como dos efeitos geracionais de sistemas educativos dualizados (SARMENTO, 2006). Dessa forma, os estudos sobre infância permitem compreender que a escolarização não se limita ao aprendizado formal, mas envolve práticas culturais, relações intergeracionais e experiências significativas para a construção da identidade e da cidadania infantil, especialmente em contextos interculturais como o das crianças indígenas Terena.

A INFÂNCIA INDÍGENA E SUAS BRINCADEIRAS NO CONTEXTO ESCOLAR

A infância indígena é concebida como espaço socialmente construído, marcado por práticas culturais específicas que diferem das concepções ocidentais tradicionais sobre criança e escolaridade (CORSARO, 2011; SARMENTO, 2004). Para as comunidades Terena, o brincar não se restringe ao lazer; constitui um instrumento pedagógico e cultural, por meio do qual valores, saberes e normas sociais são transmitidos às novas gerações (MUNDURUKU, 1999; SILVA, 2015).

No contexto escolar, a valorização das brincadeiras tradicionais assume papel central na formação identitária das crianças indígenas, contribuindo para o fortalecimento de vínculos comunitários e para a preservação da memória coletiva (FREIRE, 2005; BANIWA, 2008). A ludicidade deve, portanto, ser compreendida como prática que integra aprendizagem formal e informal, articulando os conhecimentos ancestrais aos conteúdos do currículo escolar e promovendo experiências de ensino-aprendizagem significativas e culturalmente contextualizadas (BRASIL, 1998; BRASIL, 2012).

Figura 1 - Brincadeira na Escola – Aldeia Limão Verde



Fonte: Arquivo pessoal

Além disso, a escola indígena configura-se como um espaço de diálogo intercultural, no qual as crianças têm a oportunidade de resgatar e reinterpretar suas práticas culturais em consonância com os objetivos pedagógicos da educação formal (SOUZA, 2010; SILVA, 2018). Nesse contexto, a Sociologia da Infância reforça a compreensão das crianças como sujeitos sociais ativos, capazes de interpretar, ressignificar e produzir cultura, inclusive no ambiente escolar, consolidando-se como protagonistas de suas experiências de aprendizagem e de formação identitária (CORSARO, 2011; SARMENTO, 2006).

Dessa forma, o estudo das brincadeiras das crianças indígenas no contexto escolar possibilita compreender como a ludicidade contribui para a construção da identidade, para a socialização e para a transmissão de saberes culturais. As brincadeiras, nesse sentido, constituem uma prática pedagógica estratégica que articula tradição e educação formal, promovendo aprendizagens significativas e fortalecendo os vínculos comunitários e culturais das novas gerações.

Figura 2 - Atividade Cultural na Escola– Aldeia Limão Verde



Fonte: Arquivo pessoal

RODA DE CONVERSA: VOZES E SABERES NAS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS INDÍGENAS

A roda de conversa com as crianças indígenas revelou a presença viva das brincadeiras como formas de expressão cultural, interação social e construção de saberes. Ao serem questionadas sobre suas atividades favoritas, as crianças mencionaram práticas tanto do contexto escolar quanto da vida na aldeia, como a queimada, o jogo de pipa e a Túrica; esta última, uma manifestação cultural herdada de gerações anteriores. Esse entrelaçamento evidencia como os espaços de brincar transitam entre a escola e a comunidade, ampliando o repertório lúdico e identitário da infância indígena.

Figura 3 - Roda de Conversa na Escola – Aldeia Limão Verde



Fonte: Arquivo pessoal

A menção à Túrica, uma brincadeira tradicional, indica a transmissão intergeracional de saberes, revelando que o brincar, mais do que entretenimento, constitui memória e pertencimento. Como ressalta Silva (2011), “as brincadeiras indígenas carregam consigo narrativas, rituais e aprendizagens que fazem parte do modo de ser e viver de cada povo”. Nesse sentido, valorizar essas práticas no ambiente escolar é essencial para promover uma educação que reconheça e respeite a diversidade cultural dos povos indígenas.

Ao mesmo tempo, brincadeiras como Uno e outros jogos escolares evidenciam a apropriação criativa de elementos da cultura ocidental, incorporados ao cotidiano das crianças. Essa articulação entre diferentes formas de brincar revela uma infância indígena contemporânea que transita entre mundos distintos sem perder suas raízes culturais. Conforme Kishimoto (2007), o brincar é uma linguagem universal da infância, mas assume significados diversos de acordo com o contexto sociocultural em que ocorre.

Figura 4 - Roda de Conversa na Escola – Aldeia Limão Verde



Fonte: Arquivo pessoal

As respostas das crianças também destacam o brincar como experiência afetiva e de aprendizagem. Expressões como “muito feliz” ao descrever os sentimentos durante as atividades lúdicas reforçam a dimensão emocional positiva desses momentos. Além disso, ao relacionarem brincadeiras à aprendizagem de “numerais” e “contos”, as crianças sinalizam que o lúdico potencializa o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico. Vygotsky (1991) já apontava que a brincadeira constitui um espaço privilegiado para a internalização de conhecimentos e o desenvolvimento de funções psicológicas superiores.

Portanto, a escuta atenta das crianças evidencia a importância de considerar as brincadeiras como práticas pedagógicas legítimas no ambiente escolar, sobretudo quando incorporam elementos da cultura local. Ao valorizar e integrar essas experiências ao currículo, a escola contribui para a construção de uma educação intercultural, significativa e respeitosa da diversidade cultural indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate das brincadeiras tradicionais do povo Terena, especialmente na Aldeia Limão Verde, revela-se uma ação urgente diante do crescente distanciamento das crianças de suas raízes culturais. A substituição das práticas coletivas de brincar por hábitos marcados pelo uso individualizado de tecnologias, como celulares e televisores, tem gerado impactos significativos não apenas no desenvolvimento infantil, mas também na continuidade das práticas culturais que sustentam a identidade do povo Terena.

As falas das crianças durante a roda de conversa evidenciam que o brincar ainda ocupa um espaço afetivo, criativo e educativo em suas vidas. Brincadeiras como a Túrca, transmitidas por pais e avós, persistem como manifestações de oralidade, memória e pertencimento. Ao mesmo tempo, a presença de jogos escolares, como Uno e a queimada, revela uma infância que transita entre diferentes contextos socioculturais, apropriando-se de novos elementos sem romper com os saberes tradicionais.

Essa dinâmica evidencia que o brincar deve ser compreendido como prática cultural em constante transformação, e não como atividade puramente lúdica ou neutra. Como demonstrado ao longo da pesquisa, as brincadeiras configuram espaços de aprendizagem, socialização e expressão de identidades coletivas, articulando tradição e contemporaneidade.

Nesse contexto, escola e família assumem papel estratégico. É fundamental que ambas valorizem os saberes ancestrais, reconhecendo no brincar um território de trocas intergeracionais e fortalecimento cultural. A incorporação das brincadeiras tradicionais ao cotidiano escolar não apenas enriquece a aprendizagem, como também reafirma a autonomia, a criatividade e os direitos culturais das crianças indígenas.

Este estudo buscou contribuir para a reflexão e a ação voltadas à valorização do brincar como elemento de resistência, identidade e educação intercultural. Preservar as brincadeiras tradicionais é, sobretudo, preservar a história, os afetos e o modo de ser Terena. Que o brincar continue sendo, para as crianças indígenas, um espaço de liberdade, escuta, pertencimento e construção de conhecimento, reforçando a conexão entre escola, comunidade e cultura.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena: currículo e práticas pedagógicas**. Brasília: MEC/SEB, 2008.

BRAND, A. O. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra.** Porto Alegre: UFRGS, 2004.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar indígena.** Brasília: MEC/SEF, 2012.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil (RCNEI).** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **A escola indígena: lugar de preservação da memória.** História da Educação, Porto Alegre, v. 9, n. 18, p. 119-132, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 1990.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 2007.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio: versão infantil dos mitos indígenas.** São Paulo: Callis, 1999.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias que eu vivi e gosto de contar.** São Paulo: Callis, 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Jogos e brincadeiras indígenas: educação, cultura e tradição.** Brasília: MEC, 1999.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. **A importância do saber ouvir: reflexões sobre a escuta e o diálogo.** São Paulo: Selo Negro, 2006.

PIAGET, J. **A psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1978.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SARMENTO, M. **A sociologia da infância: fundamentos e perspectivas.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SARMENTO, M. **Infância, cultura e educação: novas perspectivas da sociologia da infância.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

SILVA, A. L. da. **Brincadeiras e educação indígena: processos de aprendizagem e socialização.** Brasília: MEC, 2015.

SILVA, A. L. da. **Jogos e brincadeiras indígenas**: educação, cultura e tradição. Brasília: MEC, 2015.

SILVA, A. L. da. **Saberes indígenas e educação escolar**: o lugar do brincar na cultura dos povos originários. Educação & Sociedade, Campinas, v. 32, n. 116, p. 1021–1035, 2011.

SILVA, João Paulo de Andrade e. **Brincadeiras tradicionais na cultura indígena**: saberes e resistências. Revista Brasileira de Educação, v. 23, n. 73, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230073>.

SOUZA, J. C. **História e memória Terena em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.